

DIVERSIDADE CULTURAL NA ESCOLA

CULTURAL DIVERSITY IN SCHOOL

Rafaela da Conceição Rodrigues¹

¹*Pedagoga pelo Centro Universitário Serra dos Órgãos (UNIFESO).*

RESUMO

O projeto originou-se de uma situação comum na maior parte das escolas brasileiras, a imposição cultural. Nesta situação o aluno, ainda que indiretamente, é forçado a aceitar e fazer parte de uma cultura diferente da sua. Analisando a situação de imposição cultural, foi detectado a necessidade de uma conscientização por parte da professora, de que a escola é um ambiente que abraça diferentes culturas e que somos fruto das interações culturais. A identidade de um povo é fundamentada pela cultura, por isso, a importância do trabalho cultural na escola de modo integral e profissional. Para pôr em prática esse projeto foi pensado cuidadosamente o método a ser utilizado. Para este projeto fez-se o uso da formação continuada para o trabalho direto com a professora e o Projeto de Trabalho para a prática e interação da professora com as crianças.

Palavras-chave: Cultura; Identidade; Diversidade Cultural; Educação.

ABSTRACT

The project originated from a common situation in most Brazilian schools, the cultural imposition. In this situation the student, albeit indirectly, is forced to accept and be part of a different culture from his own. Analyzing the situation of cultural imposition, it was detected the need for an awareness on the part of the teacher, that the school is an environment that embraces different cultures and that we are the result of cultural interactions. The identity of a people is grounded in culture, so the importance of cultural work in school in an integral and professional manner. To put this project into practice, the method to be used was carefully considered. For this project, continuous training was used for direct work with the teacher and the Work Project for the practice and interaction of the teacher with the children.

Keywords: Culture; Identity; Cultural diversity; Education.

Introdução

O presente artigo visa compreender a diversidade étnica e cultural que compõe a sociedade brasileira e suas relações, marcadas por desigualdades socioeconômicas além de apontar transformações necessárias para uma mudança na escola de modo que abrace a pluralidade cultural.

Este artigo oferece elementos para a compreensão de que valorizar as diferenças étnicas e culturais não significa aderir aos valores do outro mas, respeita-los como expressão da diversidade, respeito que é, em si, devido a todo ser humano, por sua dignidade intrínseca, sem qualquer discriminação (BRASIL, 1998, p. 120).

As culturas são produzidas pelos grupos sociais ao longo da sua história, na construção de suas formas de subsistência, na organização da vida social e política, nas relações com o meio e com outros grupos, na produção de conhecimentos, etc. A diferença entre culturas é fruto da singularidade desses processos em cada grupo social (BRASIL, 1998, p. 120)

As falas anteriores puderam ser analisadas e aprimoradas enquanto ainda participava do PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência). Ao longo da trajetória como PIBID em diferentes escolas e ver como funciona a questão cultural de um grupo social e como a escola lida com isso.

Muitas vezes anulamos a cultura, a identidade e a bagagem cultural que o aluno traz, por acreditarmos que seja inferior quando na verdade, apenas não compreendemos e refletimos sobre nossa própria identidade cultural.

A identidade e a diferença: o eu, o nós e o(s) outro(s).

No senso comum, a escola é um ambiente capaz de unir diversas culturas. Mas como lidar com essas diferenças e/ou diversidades?

De acordo com estudos feitos no ambiente virtual de aprendizagem o UNIFESO (2018), Silva (2014) define identidade como o que faz referência ao eu, aquilo que sou, enquanto a diferença informa o que o outro é.

Ao longo do estudo sobre definições e concepções, foi apresentado Kathryn Woodward (2014). Ela diz que a identidade é relacional e que para existir depende de uma identidade exterior, diferente.

É preciso ter clareza, desde já que tanto a identidade quanto a diferença, não existem na natureza. Ambas são criações sociais e culturais, historicamente produzidas por meio da linguagem. Lembrando que a linguagem, com seus símbolos e significados da qual fazem parte. UNIFESO. Educação e estudos culturais 2018).

Todos os seres humanos vivem dentro de um contexto cultural. Pessoas de diversas localidades, transmitiam sua cultura por intermédio da oralidade ou de gravura. Com o passar do tempo, muitos conteúdos de diversas culturas foram perdidos por não haverem registros codificados (VIANA, 2015, p. 289).

A diversidade cultural no país

Segundo Cortella (2011) é comum nos livros de ensino de história em geral, haverem equívocos quanto ao período história e a vangloria da cultura X e depreciação da cultura Y.

Esse equívoco também ocorre no ensino sobre os povos nativos. A visão e o ensino equivocado da cultura dos povos nativos tem origem com os jesuítas, responsáveis pelos registros da época. O que compreendemos sobre os nativos vem do ponto de vista do povo jesuítico que não compreendia o real sentido da cultura, da vivência e do linguajar nativo (VIANA,2015,p.289)

No livro *Cultura: um conceito antropológico*, o autor Roque de Barros Laraia, fala sobre a cultura ser um tema existente há muito tempo. Em um trecho desta obra, afirma que o padre José de Anchieta (1534-1597) se surpreendeu com os costumes do povo Tupinambá e enviou uma carta a seus superiores sobre o comportamento dos homens da tribo Tupinambá ante as mulheres, das relações entre parentes e descrevendo-os como bárbaros e selvagens (LARAIA, 2011,p.12)

Em outro trecho da obra, Laraia traz Montaigner (1533-1572) dizendo que o que mais lhe chamou a atenção foi o fato de não usarem calças e quanto ao restante ele tentou não se espantar. Para ele, os Tupinambás não eram bárbaros como afirmou padre José de Anchieta.

Apesar da miscigenação já ocorrente no Brasil até o século XIX, muitos imigrantes de diversos lugares da Europa (como, Portugal, Espanha, Holanda, Itália) e Ásia acrescentaram sua cultura nessa combinação já existente tornando-a mais rica e complexa.

No artigo *Plural, mas não caótico*, que se encontra no livro *CULTURA BRASILEIRA: temas e situações*, o autor Alfredo Bosi afirma que há quem tente definir a cultura nacional unificando e definindo por uma qualidade específica. Para o autor, em nosso país, não há espaço para uma cultura única, homogênea. (BOSI,2000,p.7)

Segundo Laraia (2003,p.17), referente a nosso país, ainda há quem diga que os brasileiros herdaram a preguiça dos negros, a imprevidência dos índios e a luxúria dos portugueses.

De acordo com Laraia (2003,p.16) a diferença de comportamento de povos não pode ser explicada pela somatologia ou pela mesologia. Na declaração redigida por biólogos, antropólogos entre outros especialistas com apoio da UNESCO em 1950, diz que esses estudos sobre cultura nos informam que essas diferenças se explicam antes de tudo pela história cultural de cada grupo social.

Anatomicamente e fisiologicamente nos diferenciamos por sexo, etnia, cor dos olhos, etc... mas é falso que as mudanças comportamentais e diferenças ocorrem devido a tal processo. Um menino e uma menina agem de maneira diferente por um único motivo, educação diferenciada. (LARAIA, 2013, p.20)

O homem (ser humano) dominou a natureza e se fez o mais temível predador, sem asas dominou o ar, sem garras, dominou os oceanos e tudo isso porque se difere dos outros animais bpor ser o único a ter cultura. Isso nos faz questionar junto ao autor o que é cultura. (LARAIA,2013,p.24)

Segundo Veiga-Neto (2003,p.11) os estudos sobre cultura surgem em meio a movimentações de alguns grupos que visam alcançar instrumentos conceituais que emergem de sua leitura de mundo,

repudiando e oprimindo aqueles que se interpõem. No Brasil e em diversos países, ganham forças os movimentos intelectuais oriundos ao panorama pós guerra (vale lembrar que esta guerra citada é a segunda guerra mundial) gerando uma revolução na teoria cultural.

Na década de 40 surgiu um movimento de jovens brancos que tinham acesso a cultura dominante. Na década de 50 surgiu Beat Generation, que lutava contra a cultura dominante. Em 60 surgiu o movimento Hippie onde intelectuais lutavam contra o trabalho intenso e diário, a ascensão social e a estética padrão.

No Brasil, nos anos 60, tínhamos o mesmo movimento, no entanto, o cenário aqui era o da ditadura milita. Esse movimento ganhou força com o apoio de artistas como Gilberto Gil, Caetano Veloso, entre outros.

Cultura e escola

O papel atribuído a escola mudou a mesma e a pedagogia, gerando um ambiente de embates entre teoria e prática, tendo como centro as questões culturais.

Há um crescente interesse quanto à cultura, tanto no âmbito acadêmico quanto na vida cotidiana. Nas últimas décadas temos a ascensão da cultura como forma de ser, pensar, agir e estar no mundo. (VEIGA-NETO,2003,p.10)

Veiga-Neto (2003,p.6) diz que com os frequentes estudos e debates sobre cultura surgiram algumas dificuldades no campo da educação principalmente com o surgimento e acompanhamento dos avanços multiculturais

Ao longo dos últimos três séculos as discussões sobre cultura abordavam questões superficiais preferindo alguns temas ao invés de abordar sobre a questão amplamente

Aceitou-se, sem maiores questionamentos que a cultura, se designava de tudo que a humanidade havia produzido de melhor (em todos os termos), ou seja, tudo que foi produzido pelos europeus.

De uma forma sintética a educação era vista como ferramenta para ensinar a cultura tendo como base as grandes conquistas alcançadas por um grupo mais educado considerados mais culto, a europeia.

A educação escolarizada serviu a um modelo de modernidade que deveria ser mais homogênea, porém a escola foi colocada para limpar o mundo de culturas para assim então haverá em sessão de Cultura.

Para Veiga-Neto (2013, p. 7) alguns pedagogos se apropriaram dessas definições quando a educação foi vista como um caminho natural para elevação Cultural de um povo então surgiu o elitismo que ocorre quando utilizamos a fala “fulano é culto. Ainda de acordo com Veiga Neto, a cultura não está acima de outras áreas sociais como, política e educação, porém ela está presente em todas por perpassar cada uma dessas áreas.

Ante a demanda e a importância que vieram surgindo com os debates sobre diversidade cultural e pluralidade, o Ministério da Educação elaborou o Parâmetro Curricular Nacional – Temas Transversais

que é um norteador do trabalho pedagógico, e nele encontramos orientações e alguns possíveis objetivos ao desenvolver o trabalho e estudo da diversidade e pluralidade.

Logo na apresentação encontramos a seguinte colocação da Secretaria do Ensino Fundamental

Para viver democraticamente em uma sociedade plural é preciso respeitar os diferentes grupos e culturas que a constituem. A sociedade brasileira é formada não só por diferentes etnias, como também por imigrantes de diferentes países. (BRASIL, 1998. P.117)

É necessário compreendermos e aceitarmos a pluralidade para darmos um grande passo no trabalho com as culturas dentro da escola. O trabalho com as culturas pode ser (e deve ser) feito para todas faixas de aprendizagem, obviamente, sob algumas adaptações a realidade de cada escola. O aluno tem que conhecer sua cultura e saber a história por trás das outras culturas para que seja significativo.

Como base dentro da educação, o Parâmetro Curricular Nacional – Temas Transversais Pluralidade Cultural aborda a problemática cultural no ambiente escolar.

O documento inicia afirmando que para vivermos democraticamente uma sociedade com sua pluralidade, temos que compreender cultura. Sabe-se que em nosso país a diversidade cultural é grande e que o encontro entre as culturas geralmente é marcado pelo preconceito e discriminação, ocasionado pela falta de conhecimento do(s) outro(s) e as relações assimétricas de poder.

Cada qual considera bárbaro o que não se pratica em sua terra. Desde a antiguidade é comum arrumarem argumentações para as diferenças culturais. (Montaigne, apud. Laraia, 2001, p.13)

Um dos diversos desafios da escola, é compreender e reconhecer que o ensino da diversidade cultural é fundamental para podermos nos reconhecer como cidadãos, assim, podemos superar preconceitos que ocorrem pela falta do conhecimento.

A compreensão da problemática cultural demanda do professor e da escola uma formação continuada, pois podem ocorrer situações em que o professor não saberá responder nem agir. Eis que surge então a importância do conhecimento teórico sobre cultura, identidade, etnia e raça, pois o professor como ser humano pode possuir e reproduzir alguns pensamentos não adequados.

De acordo com o Parâmetro Curricular Nacional – Temas Transversais Pluralidade Cultural (1998, p. 117), a escola deve ser o local de aprendizagem onde seus alunos compreendam que nos espaços públicos é permitida a coexistência. O grande desafio da escola é reconhecer a diversidade como parte inseparável da identidade nacional e dar a conhecer a riqueza representada por essa diversidade etnocultural que compõe o patrimônio sociocultural brasileiro, investindo na superação de qualquer tipo de discriminação e valorizando a trajetória particular dos grupos que compõem a sociedade.

Após uma breve apresentação da cultura brasileira, vamos delimitar a área e o caminho da atuação.

A escola parceira foi o Colégio das Flores em Teresópolis, A unidade conta com 6 (seis) turmas, sendo 3 (três) de pré I e 3 (três) de pré II.

Na turma do pré II, as crianças estranhavam o modo de falar de uma criança nordestina. Observando a situação foi observado que a professora nada fazia juntamente com a escola. Diante deste problema decidido ver o que a escola e a professora desenvolviam sobre Cultura.

Na escola, apenas comentavam o Dia do Índio e o Dia do Folclore. A festa junina, era única manifestação cultural de grande porte. Em um espaço com tantas culturas se abordava sobre tudo no dia a dia exceto, cultura.

A professora, mulher de 43 anos que atua há 23 anos no município como professora, é religiosa.

A questão religiosa, é para termos em mente que há coisas que ela não faz por sua religião julgar equivocado. A mesma não comemora natal, aniversário, entre outras datas festivas da cultura local e nacional.

Intervenção

O método selecionado para esta intervenção foi a Formação continuada. O método foi escolhido porque visa, primeiramente, conscientizar e capacitar a professora sobre a importância da pluralidade cultural existente em nosso país, para que ela possa plantar essa semente nos seus alunos e assim atingirmos uma cultura de paz...

Uma grande dificuldade na atualidade, é compreender que a formação continuada não pode ser dissociada do trabalho, pois o professor assim como o aluno precisa enxergar um sentido naquilo que está sendo aprendido.

Não podemos separar a formação do contexto de trabalho porque nos enganaríamos em nosso discurso. Ou seja, tudo o que se explica não serve para todos nem se aplica a todos os lugares [...] O contexto condiciona as práticas formadoras bem como sua repercussão nos professores e, sem dúvida na inovação e na mudança. (IMBERNÓN, 2010. p, 8)

A proposta da intervenção, foi apresentada para a direção em um encontro no dia 9 de julho de 2018.

Primeiramente, o projeto de intervenção foi apresentado para a direção da unidade escolar e para a professora (personagem principal). A proposta do projeto, visa promover e valorizar a diversidade cultural na escola, partindo da turma onde o problema foi identificado, sempre lembrando de nossas origens e permitindo nossos alunos o conhecimento, ainda que de uma pequena fração das culturas e costumes existentes em nosso país, sem ferir a identidade do aluno, do professor e da escola.

Após a apresentação do projeto de intervenção, foi a vez da direção juntamente com a professora decidirem se aceitariam a intervenção na escola já que, a intervenção vem para ampliar seus horizontes em relação a diversidade cultural e a importância da problemática na sala de aula.

❖ *Primeiro dia: Cultura, um conceito antigo.*

Com base nas respostas do questionário, no dia 03 de setembro, retornei à unidade escolar e juntamente com a professora relembrei a proposta e o objetivo do projeto de intervenção. Para auxiliar na recordação, relembrei o questionário respondido pela professora.

Perguntei a professora o que ela compreendia sobre o trabalho com diversas culturas em sala. Logo em seguida, respondeu-me que desenvolve o trabalho específico no dia do índio, no dia do livro, e na festa junina, quando faz referência as culturas em questão de modo que, para ela, seja correto e profundo. Seguiu dizendo que a cultura vem do meio em que a criança está inserida, da qual faz parte, e nem sempre é “boa”. Então a escola dar oportunidade para a criança crescer e ser alguém melhor, alguém minimamente “culto”

Ao término fala da professora, expliquei que a cultura faz parte da identidade do ser humano. É preciso ter clareza que tanto a identidade quanto a diferença não são criações da natureza, mas criações sociais, historicamente produzidas por meio da linguagem (escrita e oral). Sendo assim, não há uma cultura certa ou errada, melhor ou pior, há simplesmente diferentes culturas.

Para embasar nossa conversa sobre cultura, foi utilizado o livro de Roque de Barros Laraia, *Cultura, um conceito antropológico*. Mais precisamente o primeiro capítulo, “O determinismo biológico”, no qual o autor afirma que a cultura é um assunto que está presente em pautas de debates e pensamentos há muito tempo.

Com base na leitura, a professora relatou que a parte que mais chamou sua atenção foi a carta do padre José de Anchieta, que apresenta o povo Tupinambá como selvagens, bárbaros. Porém em seguida, Montaigne expressa sua surpresa por não utilizarem calças. E comentou que tudo é uma questão do ponto de vista a partir do que cada um traz consigo.

❖ *Segundo dia: Conceituação de cultura*

No dia seguinte, 04 de setembro de 2018, retornei à escola para continuar a atividade. Ao chegar fui recebida pela professora e caminhamos até a sala reservada para o projeto de intervenção. Durante o percurso ela comentou que até então, refletiu sobre o dia anterior e que pensou em alguns alunos que tem em sala. Que julgava não serem de uma cultura adequada (dentro dos padrões dela), mas vendo por outro ângulo, pôde compreender algumas atitudes e costumes.

Ao chegar no ambiente de estudo, retomamos o diálogo do dia anterior unindo ao comentário feito pela professora ao longo do trajeto. Iniciei indagando-a se há algum brasileiro de etnia “pura”? Rapidamente, a professora respondeu que não, que não há ninguém no Brasil com etnia “pura”. Em sequência, perguntei por que haveria então uma cultura pura?

Ao refletir sobre a questão, seguimos a leitura do capítulo 2, “O determinismo geográfico”, e discutimos o conceito de cultura apresentada pelo autor.

O termo *Kultur* veio para simbolizar todos os aspectos espirituais de uma comunidade. Foi sintetizada por Edward Taylor e que no vocabulário inglês, cultura inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, etc.

A professora não fez comentários, porém afirmou que compreendeu o que é cultura. Em seguida discutimos identidade, diferença e diversidade.

❖ *Terceiro dia: Identidade*

No ambiente reservado pela unidade escolar para a realização da intervenção, retomamos nosso diálogo no dia 05 de setembro de 2018 dando sequência a formação continuada com a discussão que não concluímos no dia anterior.

O assunto do dia foi sobre identidade. Como recurso, utilizei a aula disponibilizada no ambiente virtual cujo título é O eu (nós) e os outros, pelo Centro Universitário Serra dos Órgãos.

Durante a leitura do material foi exposta a professora a “Contextualização” da aula e a leitura nos dizendo que alguns dos embates e debates existentes hoje têm como base comum a crise de identidade. Seja a identidade pessoal ou seja a identidade nacional.

Ao longo da leitura do material, também disponibilizado no ambiente virtual, a professora lançou uma reflexão sobre o tema dizendo que nunca havia parado para analisar a cultura das outras pessoas. Não somente de alunos.

❖ *Quarto dia: Miscigenação*

No dia 10 de setembro de 2018, novamente no ambiente reservado a nossos encontros, foi apresentado a professora o livro organizado por Alfredo Bosi, intitulado *Cultura: temas e situações* apresenta a nós, o artigo *Plural*, mas não caótico, que aborda a questão cultural e como são erroneamente, de modo proposital, transmitidas.

A atividade focou no artigo de autoria de Bosi. O primeiro artigo narra como a mídia influencia determinadas culturas e até mesmo modifica-las, em alguns casos, para serem aceitas ou não por quem não a conhece.

Um exemplo em relação é a África. Quando fechamos nossos olhos e falamos a palavra África, tendemos a pensar em desertificação, vegetação apropriada ao deserto, pessoas extremamente magras e morrendo de fome, porém a África não é apenas composta por essas questões.

A professora fez uma reflexão que me deixou muito animada, trouxe o exemplo dos cantores de favela, que quando ascendem ao sucesso, são obrigados a deixar a comunidade onde vivem, a tirar de seu nome artístico aquilo que faz referência ao local de origem e, até mesmo mudar seu ritmo e língua, de forma lenta, porém, frequente.

❖ *Quinto dia: Reflexão Cultural*

No dia 11 de setembro de 2018, houve pouco tempo para desenvolver o projeto com a professora devido a uma reunião pedagógica que ocorreu antes da entrada dos alunos. Porém, mesmo com a dificuldade do tempo o estudo foi realizado.

Foi estudado o capítulo, “O desenvolvimento do conceito de cultura” do livro *Cultura*, um conceito antropológico, de Roque de Barros Laraia.

A professora destacou o tópico que diz que o homem age de acordo com seus padrões culturais. Os seus instintos foram parcialmente anulados pelo longo processo evolutivo por que passou (LARAIA, p. 48)

O trecho foi destacado sob o argumento que não podemos falar que nosso aluno é X ou Y, porém devemos analisar todo seu contexto histórico e cultural. Como professores, ao invés de aprimorar e lapidar essa cultura, apenas anulamos e inserimos outra que não condiz com a realidade do estudante.

Através da fala da professora, foi possível identificar o quanto percebeu o que estava fazendo com seus alunos, inclusive na situação problema.

❖ *Sexto dia: Hegemonia Cultural*

No dia 12 de setembro de 2018, fizemos a leitura do segundo artigo dentro do livro de Alfredo Bosi. O artigo em questão tem por título *Cultura e desenraizamento*, é de autoria de Ecléa Bosi.

O texto afirma que quando duas culturas se defrontam, não como predador e presa, mas como diferentes formas de existir, uma é para a outra como uma revelação. Mas essa experiência raramente acontece fora dos pólos, submissão - domínio. A cultura dominada perde os meios materiais de expressar sua originalidade.

Ao discutir o trecho acima, a professora comentou que, até mesmo na escola, há essa submissão e domínio. O aluno é submisso ao professor que, muitas vezes, quer impor uma determinada cultura que não condiz com a do aluno e muito menos com sua realidade.

O capítulo também traz a situação do migrante, que quando condicionado a nova cultura, perde a sua cultura original e cai no desenraizamento. O migrante não procura o que foi perdido, mas o que pode nascer naquela terra de erosão que virou sua cultura e identidade.

A professora, em uma breve reflexão, lembrou-se da aluna que inspirou o projeto. Afirmou que não via por este lado do condicionamento a que ela estava acometida.

Com mais uma reflexão positiva, encerramos o dia.

❖ *Sétimo dia: Parâmetro Curricular Nacional*

O encontro do dia 17 de setembro de 2018, foi realizado com o material disponibilizado pelo governo federal de modo gratuito as unidades escolares, o Parâmetro Curricular Nacional – Tema transversal, Pluralidade.

Infelizmente, a unidade escolar não conta com esse material no pequeno acervo para professores. Ciente desta situação, foi impresso uma via e encadernado para utilizarmos na reta final dos estudos.

Durante a leitura da apresentação do PCN, foi lembrado e citado as leituras anteriores, de modo que os referenciais lidos dialogassem e a professora conseguisse compreender a importância do estudo sobre cultura na educação.

Em um trecho do PCN há uma fala sobre a sociedade brasileira ser formada não só por diferentes etnias, mas também por imigrantes de outros países, a professora recordou a leitura que fizemos do primeiro texto do livro de Alfredo Bosi, que diz plural, mas não caótico, feita no dia 10 de setembro.

Para completar a fala da professora, lembrei da leitura do segundo texto do livro de Bosi que aborda a questão da migração e do desenraizamento, algo comum e fácil de se observar nas escolas.

Na sequência da leitura, foi discutido o grande desafio da escola em reconhecer essa diversidade e valorizar a riqueza que tem.

Ao longo da leitura foi enfatizado trechos que remetem a realidade encontrada e a esperada pela escola, diante da pluralidade existente.

Deixei a ela uma reflexão sobre falar e ensinar a cultura do outro não significar que adotaremos costumes e não anularemos a nossa, é possível conciliar as duas.

❖ *Oitavo dia: Reflexões para o planejamento*

Dia 18 de setembro de 2018. Neste dia, mediante a todo material estudado até aqui e as declarações da professora, personagem principal desta intervenção, nos reunimos na elaboração do planejamento das atividades que abrangem a diversidade cultural.

Escolhemos três áreas da educação infantil para o planejamento já que não poderíamos anular nem passar por cima das atividades já planejadas do projeto que estava em andamento.

As áreas escolhidas foram: Linguagem Oral e Escrita, Artes e Música. Decidimos que planejaríamos três atividades para três dias da semana, pois não poderíamos ampliar mais devido ao andamento do projeto.

Antes de planejar efetivamente as atividades refletimos nos nossos objetivos que são:

- Ampliar o conhecimento da diversidade cultural no nosso país.
- Apresentar diferentes culturas, festejos e costumes
- Compreender que mesmo diferentes somos iguais, somos seres humanos.

❖ *Nono dia: Planejamento*

No dia 19 de setembro de 2018, continuamos com o planejamento das atividades, nesta parte pude notar nela uma empolgação e força de vontade que me chamaram a atenção já que ela é conhecida por planejar bem as atividades que fará com os alunos.

❖ *Décimo dia: Observação*

Neste dia, 24 de setembro de 2018, não houve encontro de formação continuada, apenas fui a sala de aula assistir o planejamento em ação e se o assunto seria desdobrado em outras atividades.

A professora fez a rotina com os alunos (música, dia da semana, janela do tempo e chamada). Permanecendo em roda, fez a contação da história do livro *Bumba meu Boi-Bumbá*, autoria de Roger de Mello.

Este livro conta a história do boi com estrela na testa que para seu dono, o patrão, era enviado do céu. Pai Francisco, melhor funcionário do patrão, atende o desejo de sua esposa, Catirina que estava grávida, de comer língua de boi.

Porém não poderia ser qualquer boi, tinha que ser um com estrela na testa. Pai Francisco então corta a língua do boi enviado do céu.

O livro vai mostrando a saga de Pai Francisco para ressuscitar o boi do patrão.

As crianças gostaram muito da história e indagaram sobre o boi perguntando como ele veio do céu, como ele comia, e onde acontecia a “festa”.

A professora, para sanar as dúvidas, respondeu que o boi era bem cuidado e seu dono tinha muito carinho por ele, por isso ficou triste quando o boi foi sacrificado. e sua alimentação era a melhor eu tinha, até porque era um boi vindo do céu.

Ao finalizar a história e a roda de conversa, a professora trouxe uma silhueta de boi, em um papel 40 quilos, tintas, lantejoulas e laço para montarem o boi e exporem no mural da sala.

Enquanto enfeitavam o boi, a professora colocou para tocar uma música dos dois grupos de Parintins, o caprichoso e o garantido.

Essas atividades foram pautadas no Parâmetro Curricular Nacional, Temas transversais – pluralidade que nos diz que, para viver democraticamente em uma sociedade plural é preciso respeitar os diferentes grupos e culturas que a constituem (BRASIL, 1998, p. 117).

❖ *Segundo dia: Continuação da observação*

Foi feita a leitura do livro: *Poeminhas da Terra* de Márcia Leite e Tatiana Mões.

As crianças ouviram a história atentamente, porém não questionaram nada. Após a leitura, a professora listou com eles alguns animais que aparecem na história e deu algumas imagens destes animais para que pudessem colorir juntos e exporem na parede da sala.

Enquanto pintavam, a professora colocou no rádio uma música indígena para que pudessem ter contato com algo da cultura nativa além da literatura. A música tocada foi o álbum completo: *Ñande Reko Arndu* cantado por crianças Guaranis.

As crianças ao longo da pintura dançavam espontaneamente ao som das músicas. Ao fim das pinturas, a professora contou aos alunos que essas músicas foram cantadas por crianças indígenas. Com esta informação uma criança perguntou se eles não falam português e se iam a escola igual a eles.

A professora respondeu que em algumas aldeias há uma escola bilíngue, que ensinam o português e a língua nativa deles, e que nós falamos o português devido a colonização portuguesa.

❖ *Terceiro dia: Observação final*

Após a rotina das crianças, a professora fez a leitura do livro, *Bruna e a Galinha D'Angola*.

As crianças gostaram da galinha Conquém, e da vovó Nanã. A professora fazer uso deste livro foi algo notório, já que, história é um conto africano sobre a criação trazendo citação de alguns Orixas, como Oxum, Oxala e Nana.

As crianças não perguntaram nada referente aos orixás citados, porém pode ser notado um certo desconforto dela em narrar a história, mas não desistiu nem reclamou.

A professora enfeitou uma caixa de sapatos como baú, e pediu para as crianças colorirem a galinha Conquem. Ao coletar os desenhos ela colou-os em um pedaço do tecido TNT para por dentro do baú, remetendo a parte do livro em que Oxum desenha uma linda galinha no tecido e o guarda no baú.

Após esta atividade findou-se a intervenção e os encontros para a formação continuada.

Análise crítica

Ao encontrar a situação problema, foi possível constatar a ausência do trabalho com a diversidade cultural. A diversidade não era algo que fazia parte do planejamento da professora, nem do planejamento dos projetos elaborados pela orientação pedagógica.

O discurso apresentado pela professora anteriormente, era de que atendia a diversidade cultural quando chegava o dia do índio, da consciência negra, do folclore e a tão esperada festa junina.

Ao iniciar a intervenção com a formação continuada, pode ser possibilitada a professora uma reflexão sobre identidade, cultura e sua diversidade. Foi proporcionado um momento de construção do conhecimento e auto análise com essa intervenção.

Com as reflexões e a auto análise, mediante a material oferecido a professora, ela pode chegar a situação que ocasionou essa intervenção sem que citassem ou explicitarem a ela.

Diante da situação problema, ela não tomou nenhuma atitude por julgar ser o correto e o melhor a se fazer, porém, ela pode ver com a formação continuada, que ela não só podia como deveria ter feito algo.

Essa intervenção foi além do esperado pelo fato da professora relacionar os estudos e reflexões a atitudes que toma mediante aos costumes de alguns alunos, acarretando até mesmo na anulação de sua cultura ou no desenraizamento (conceito trazido por Ecléa Bosi).

Ao chegar na parte do planejar as atividades, foi um pouco preocupante pois, era a hora de ver se a professora compreendeu e apreendeu os estudos e reflexões feitas ao longo dos encontros.

Me surpreendi, positivamente, ao ver as escolhas de livro que a professora aprontou, pois, um dos livros faz menção a Orixás o que para a professora, muito religiosa, seria negativo.

Durante a aplicação das atividades em sala, foi possível notar que a professora se maravilhou e embarcou juntamente com as crianças, na história Bumba meu boi-bumba, de autoria de Roger Mello, e nas atividades sobre a história.

No dia seguinte foi possível notar uma certa normalidade ao aplicar as atividades do livro Poeminhas da Terra, que traz poemas do meio nativo. Quanto as atividades, a professora mostrou empenho em esclarecer dúvidas e o cuidado ao guardar a atividade para expor na semana seguinte.

No terceiro e último dia da intervenção, foi possível sentir uma tensão e um certo desconforto na contação da história Bruna e a galinha D'angola por conta dos Orixas, porém não foi empecilho para ela que continuou a história e atendeu as atividades.

Considerações finais

O projeto de intervenção é uma metodologia que vêm para proporcionar uma mudança na realidade escolar. Por abranger desde a parte burocrática de uma escola até a sala de aula, é uma metodologia que, assim como o projeto de trabalho, deveria ser incutido dentro da escola.

Este projeto de intervenção, plantou a semente da importância de trabalharmos e respeitarmos a diversidade cultural.

Foram enfrentados alguns obstáculos para a conclusão deste trabalho como a falta de alguns materiais impressos sobre o assunto, o pouco tempo, e o receio da professora ao não autorizar o uso de sua imagem e de seu nome.

Foi possível observar a disponibilidade e motivação da professora em aceitar o conteúdo, e a disponibilidade em alterar seu planejamento para atender esta demanda da diversidade cultural existente na escola.

De um modo geral, este projeto conseguiu atender seus objetivos que eram, apresentar e auxiliar na compreensão diversidade étnica e cultural que compõe a sociedade brasileira e suas relações.

Referências

BOSI, Afredo. **Cultura Brasileira: Temas e situações**. São Paulo: Atica, 2000.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Pluralidade cultural**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília. MEC/SEF, 1997. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/pluralidade.pdf>> Acesso em: 02 mar. 2018

COLENY, Fabricio. **Círio de Nazaré, em Belém**. 2015. Disponível em: <<http://cirios.com.br/cirio-de-nazare-em-belem/>>. Acesso em: 10 ago. 2018

CORTELLA, Mário Sérgio. **A escola e o conhecimento: fundamentos epistemológicos e políticos**. 14. Ed. São Paulo: Cortez, 2011.

IMBERNÓN, Francisco. **Formação continuada de professores**. Trad. Juliana dos Santos Padilha. Porto Alegre: Artmed, 2010.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: Um conceito antropológico**. 14. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença:** a perspectiva dos estudos culturais/ Tomaz Tadeu da Silva (org.) Stuart Hall, Kathryn Woodward. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

VEIGA-NETO, Alfredo. **Cultura, culturas e educação.** 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n23/n23a01.pdf>>. Acesso em: 24 jul. 2018.

VIANA, Maria. **Sou educador:** ensino fundamental I. São Paulo: Eureka, 2015.